

## UMA INTRODUÇÃO À SOCIOLOGIA DE PIERRE BOURDIEU

BONNEWITZ, Patrice. **Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu**. Tradução de Lucy Magalhães. Petrópolis: Vozes, 2003.

Rodolfo Alves de Macedo<sup>1</sup>

A obra de Patrice Bonnewitz intitulada *Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu* completa, em 2023, 25 anos desde sua publicação na França em 1998 e 20 anos de sua tradução no Brasil em 2003. A partir de então, a obra tem sido citada e utilizada como material de introdução à sociologia de Pierre Bourdieu (1930-2002), sociólogo francês e um dos mais relevantes intelectuais do século XX, considerado por muitos como um clássico moderno, tendo em vista a grande influência de sua abordagem sociológica em áreas além da sociologia, como a filosofia, a ciência política, a arte e, no Brasil, especialmente na educação, deixando um grande legado e herdeiros intelectuais.

2644

Por se tratar de um autor complexo, que trata o estudo de seus objetos de maneira complexa, a leitura dos escritos de Bourdieu, por vezes herméticos, é sempre uma tarefa hercúlea para aqueles que se propõem a aventurar-se por esse caminho. A questão da linguagem empregada por Bourdieu é frequentemente objeto de reclamações de seus leitores. Quando questionado sobre isso em entrevista, Bourdieu (2004, p. 68) afirmou que “o que é complexo só se pode dizer de modo complexo”. E continua:

Em todo caso, não há dúvida de que não procuro discursos simples e claros e que acho perigosa a estratégia que consiste em abandonar o rigor do vocabulário técnico em favor de um estilo legível e fácil. [...] Estou convicto de que, tanto por razões científicas quanto por razões políticas, é preciso assumir que o discurso pode e deve ser tão complicado quanto exige o problema tratado (ele próprio mais ou menos complicado)” (BOURDIEU, 2004, p. 69).

Então, a pergunta que poderia se colocar pelo leitor iniciante é: como ler Pierre Bourdieu? Por onde começar?

---

<sup>1</sup>Mestrando em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

Correndo esse risco da estratégia citada, diversas obras introdutórias foram escritas, mais ou menos simples ou complexas dependendo de qual se trata, apresentando a paradigmática sociologia de Bourdieu. Podemos citar aqui *Pierre Bourdieu e a teoria do mundo social*, de Louis Pinto; *A teoria de Pierre Bourdieu e seus usos sociológicos*, de Anne Jourdain e Sidonie Naulin; *Pierre Bourdieu: conceitos fundamentais*, organizada por Michael Grenfell; e a mais recente, *10 lições sobre Bourdieu*, de José Marciano Monteiro. Para nosso objetivo, focaremos naquela publicada por Patrice Bonnewitz.

A obra em questão está dividida em introdução e mais sete capítulos. Já na introdução da obra, o autor expõe o fio condutor do trabalho, perpassando desde o contexto histórico e teórico nos primeiros dois capítulos, em seguida os conceitos centrais e, por fim, seus estudos sobre a escola e a cultura.

Em entrevista a Terry Eagleton, Bourdieu (1996, p. 272) afirma: “Meu problema principal é tentar compreender o que aconteceu comigo. Minha trajetória pode ser descrita como milagrosa, acho eu – uma ascensão a um lugar de que não faço parte”. Nesse sentido, no capítulo I, “Como se tornar um ‘grande sociólogo’? – Assumindo o passado”, subdividido em elementos biográficos e filiação teórica, Bonnewitz retoma a trajetória social de Bourdieu: sua origem social campesina, estudos e acontecimentos sociopolíticos, e revela também a importância de se considerar tais influências externas na gestação de sua sociologia, bem como as apropriações teóricas que Bourdieu faz de Marx, Weber e Durkheim.

De filósofo a sociólogo, teve esse momento de transição quando de seu serviço prestado na Argélia, cujo contexto sociocultural o influenciou a iniciar seus estudos em antropologia. Lá, foi professor e publicou em 1958 a obra *Sociologie de l’Algérie*. Em seguida, Bonnewitz contextualiza a formação de Bourdieu relacionando-a a correntes teóricas dominantes à época: por um lado, a fenomenologia, tida como subjetivista, e de outro, o estruturalismo, tido como objetivista. Do estruturalismo, absorve o princípio de importância dos sistemas de relações entre indivíduos e classes para a compreensão dos fenômenos sociais. No entanto, considera que o estruturalismo rejeita, ou pelo menos ignora, a noção weberiana de sentido que os agentes conferem às ações. Então, na tentativa de superar essas duas tradições, Bourdieu acaba por dar origem a uma nova corrente de pensamento, que se denominou estruturalismo genético ou estruturalismo crítico. Nos clássicos da sociologia, Bourdieu encontra

noções fundamentais para seu projeto sociológico. De Marx, absorve a perspectiva de dominação; de Weber, o conceito de legitimidade e o sentido da ação social; e de Durkheim, o ímpeto de constituir uma sociologia científica, com método e procedimento específico.

No capítulo 2, “Como permanecer sociólogo? – Adotando uma postura crítica”, Bonnewitz aponta para a postura do trabalho de sociólogo. A partir de *Le métier de sociologue*, obra escrita em parceria com Jean-Claude Passeron e Jean-Claude Chamboredon, Bourdieu apresenta os princípios do trabalho sociológico, que implica o rompimento com o senso comum e a construção do fato social. O senso comum pode ser entendido como um conjunto de opiniões, crenças e valores de uma sociedade e que se impõem a todos os indivíduos, e é composto por um conjunto de representações, visões de mundo, regras de conduta, julgamentos de valor e doutrinas. Tais “pré-noções”, em sentido durkheimiano, são obstáculos ao conhecimento científico, posto que são pré-noções espontâneas, livres e sem respaldo. Portanto, ao sociólogo é necessário romper com tal visão uma vez que ela expressa determinadas visões de mundo pré-existentes. Tal preocupação em torno do senso comum, possivelmente derivada de sua influência durkheimiana, revela sua preocupação com o status de cientificidade da sociologia passando, inclusive, pela ruptura com a linguagem usual e adotando uma linguagem rigorosa com conceitos reformulados.

Nos capítulos seguintes, Bonnewitz aborda os conceitos centrais que são operacionalizados por Bourdieu para explicar o funcionamento da sociedade e as práticas dos sujeitos sociais, ou agentes.

No capítulo 3, “Uma visão espacial da sociedade – Espaço e campos”, Bonnewitz foca nos conceitos de campo e capital, posto que estão intrinsecamente ligados. A perspectiva bourdieusiana sobre a sociedade busca superar as dicotomias tradicionais de análise da estratificação social, como as perspectivas marxista e weberiana. Para o sociólogo, a sociedade pode ser descrita em termos de um espaço social conflituoso, de modo a enfatizar a dimensão relacional das posições sociais, propondo uma ruptura com uma visão tradicionalmente piramidal. Para explicar a estruturação do espaço social, Bourdieu aplica o conceito de capital, sendo possível distingui-lo em quatro tipos: econômico, cultural, social e simbólico. É a partir do acúmulo desses capitais que os agentes estão posicionados no espaço social. Portanto,

podemos tomar o espaço social como conflituoso uma vez que os agentes, situados em um ambiente desigual, orientam-se a partir de uma desigual distribuição de bens.

Bourdieu recorta o espaço social em três classes: a) classes dominantes ou superiores, dotadas de elevado acúmulo de diferentes capitais; b) pequena burguesia, que visa a ascensão social e o aumento de status simbólico; c) classes populares, caracterização pela espoliação.

O espaço social de Bourdieu é composto de diferentes áreas originadas da crescente divisão social do trabalho, aquilo que o sociólogo cunhou como campo, uma área simbólica, um microcosmo das práticas sociais, onde agem os indivíduos, ou agentes. Em outras palavras, um campo pode ser interpretado como um mercado, onde os agentes agem como produtores e consumidores dos capitais ou bens produzidos no interior daquele campo, sendo o acúmulo desses capitais garantidores da dominação a razão das lutas simbólicas. Como forma de explicar o comportamento dos agentes, Bourdieu recorre a uma metáfora do jogo. Neste sentido, entende-se que um campo possui regras e regularidades, onde os jogadores possuiriam uma quantidade desigual dos diferentes tipos de capital, cujo volume orienta o sentido de jogo, o sentido da ação, sendo o objetivo do jogo preservar ou acumular capital. Para manter ou melhorar sua posição social, os agentes podem adotar diferentes tipos de estratégias, como as de investimento biológico, de sucessão, educativas, econômicas e simbólicas.

Consideradas as propriedades dos campos e as estratégias de ação adotadas pelos agentes, é pertinente discutir outro conceito operacionalizado por Bourdieu: o *habitus*, abordado no capítulo 4, “O *homo sociologicus* bourdieusiano – Um agente social”. É com a noção de *habitus* que Bourdieu garante a mediação entre a sociedade e o indivíduo, entre estrutura e agente. Cada ser social passa, necessariamente, por um processo de socialização desde a mais tenra idade. Ao nascer, este ser é filiado a uma determinada posição no espaço social, a uma determinada classe, e é por meio do processo de socialização que incorporará as normas, crenças e valores presentes no seio da sociedade. Para Bourdieu, esse processo é caracterizado pela formação do *habitus*, que pode ser definido como um sistema de disposições estruturadas e duráveis, inclinações para a ação social, ou como maneiras de agir, pensar, sentir e conceber a realidade que foram interiorizadas agente dada suas condições objetivas e servem como princípios geradores de novas práticas. Isto é, trata-se de uma interiorização da exterioridade, sendo um produto da posição social e da trajetória individual do agente

e, ao mesmo tempo, uma exteriorização da interiorização. Sendo, portanto, não estático. Esses esquemas de percepção podem ser distinguidos em *ethos* (princípios e valores em estado prático) e *hexis* corporal (disposições corporais, trejeitos, maneirismos, gestos, entre outros). Esse princípio gerador está na base da reprodução social, e diz também sobre as práticas sociais cotidianas dos agentes, como o tipo de alimentação ou mesmo a indumentária.

Avançando para o capítulo 5, “Vamos cultivar a diferença – A lógica da distinção”, Bonnewitz amplia a discussão acerca da relação entre posição social, *habitus* de classe e lógicas de ação dentro da sociologia da cultura de Bourdieu, também fundamentada sob a perspectiva da dominação. Neste ponto, a cultura, em sentido sociológico, corresponde a um conjunto de valores e práticas compartilhados por uma coletividade e, para Bourdieu, também é um capital específico produzido num campo específico, o campo cultural. Como qualquer campo simbólico, o campo cultural possui múltiplos produtores que produzem seus bens simbólicos hierarquizados. Neste sentido, os produtores que ocupam a posição dominante nesse campo possuem maior legitimidade de imposição de seu arbitrário cultural como cultura legítima por meio de um longo processo de legitimação que pressupõe o exercício do poder simbólico. Isto é, as produções culturais dos agentes são socialmente legitimadas por meio de lutas simbólicas, as quais Bourdieu denominou como lutas de classificação, em que tais conflitos visam impor uma visão de mundo que servem a seus interesses mediante violência simbólica. Portanto, as práticas sociais são marcadas por uma posição de classe e por uma posição objetiva no interior do campo, e o consumo dos bens culturais atende a uma vontade de distinção social. Neste sentido, a classe dominante se orienta por uma estratégia de distinção; a pequena burguesia, por uma “boa vontade cultural”; e as classes populares pela “escolha do necessário” e valorização da virilidade, como recusa à pequena burguesia.

Essas disputas de campo, lutas de classificações pela legitimidade de produzir e consumir os bens simbólicos, colaboram para a reprodução da hierarquia social, tendo, até certo ponto, o sistema de ensino como instituição que contribui para essa reprodução.

No capítulo 6, “Vamos reproduzir-nos socialmente – O papel da escola”, Bonnewitz aborda a escola como um instrumento oculto de dominação. Cabe, em primeiro lugar, considerar a perspectiva sociológica bourdieusiana de enxergar a

imposição de uma cultura como um arbitrário cultural. Logo, a cultura escolar não é uma cultura neutra, universal. A cultura escolar, na verdade, seria a cultura da classe dominante arbitrariamente instituída como cultura legítima, portanto, servindo aos interesses das classes dominantes. Os filhos destas classes possuiriam, dada a filiação de classe, o capital cultural valorizado pela escola, privilegiando seu sucesso escolar, não somente pelos conteúdos, mas pelo *habitus* valorizado pelos docentes. No entanto, a função reprodutora só é eficaz para garantir a reprodução da dominação a medida que o faz de maneira velada, usando, para isso, o que Bourdieu chamou de ideologia do dom: a noção ideológica de que as desigualdades escolares seriam de ordem natural segundo as aptidões dos sujeitos, ocultando que, na verdade, o “mérito” escolar nada mais é do que um privilégio social. Impondo e legitimando o arbitrário cultural dominante, o sistema escolar o faz mediante o exercício da violência simbólica.

Finalizando com o capítulo 7, “Entre o entusiasmo e a contestação – Influências e críticas”, Bonnewitz abarca a difusão da sociologia bourdieusiana e críticas em relação a seu trabalho. Pierre Bourdieu definitivamente alcançou seu lugar ao sol no rol da sociologia contemporânea. Dada a atual configuração do campo sociológico, Bourdieu alcançou status de clássico moderno devido a sua fama de renome internacional. Sua influência é percebida em áreas para além da sociologia, multiplicando os estudos com essa abordagem, a ponto de ser possível reconhecê-la como uma nova escola de pensamento. No entanto, como qualquer perspectiva teórica, não está acima de questionamentos e críticas. Para alguns, a sociologia de Bourdieu seria excessivamente estruturalista à medida que os indivíduos seriam meros produtos sociais, seres passivos, cuja capacidade de agência seria pouca ou nula, ou seja, deixando de lado uma noção de racionalidade do ator.

Enfim, explicar a sociologia de Pierre Bourdieu não é e nunca foi tarefa fácil, dada sua complexidade devido à própria complexidade de seus múltiplos objetos de estudo. Além disso, Bourdieu realiza esforços de superação de dicotomias tradicionais do campo da sociologia, integrando diferentes perspectivas para compor seu instrumental e fornecer respostas originais para questões fundamentais.

Sendo um clássico moderno, Bourdieu ocupa espaço em variados cursos. Citamos anteriormente alguns trabalhos introdutórios à sociologia de Bourdieu. Neste trabalho, tomamos como objeto de resenha a obra *Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu*, de Patrice Bonnewitz. Retomando aspectos da trajetória social de Bourdieu,

o autor contextualiza alguns determinantes das influências sofridas pelo sociólogo. Mesmo sendo de tamanha complexidade, a sociologia de Bourdieu, nas mãos de Bonnewitz, pode ser explicada de maneira clara – sem descaracterizá-la com vulgaridades – e com o rigor acadêmico necessário para abordá-la sem recair em pedantismos, revelando seu domínio sobre tal paradigma sociológico. Ademais, perpassa também diferentes aspectos da sociologia bourdieusiana, desde uma teoria social geral, até áreas mais específicas, como a sociologia da educação ou a sociologia da cultura, abordando conceitos fundamentais para sua compreensão. Portanto, o mérito de Bonnewitz é justamente oferecer aos leitores interessados um guia introdutório consistente que apresenta as primeiras aulas de sociologia bourdieusiana.

## REFERÊNCIAS

BONNEWITZ, Patrice. **Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu**. Tradução de Lucy Magalhães. Petrópolis: Vozes, 2003.

BOURDIEU, Pierre. A doxa e a vida cotidiana: uma entrevista. In: ZIZEK, Slavoj (Org.). **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 265-278.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.